
O CENTENÁRIO DE HERÁCLITO CÂMARA

Fernando Câmara

Em 13 de agosto de 1988 a família Câmara realizava no Hotel Pousada das Araras, em Parnaíba, no vizinho Estado do Piauí, a sua III Convenção, tendo como homenageado principal o meu bisavô paterno Heráclito Zábulon da Silva Câmara, filho do Cel. Antônio Rodrigues da Silva e Sousa e de Ana Joaquina da Silva Câmara.

Este ano, a família reúne-se no Remanso Hotel de Serra, em plena serra de Baturité, e entre os homenageados figura Heráclito Zábulon Câmara, neto do primeiro, irmão de meu saudoso pai, e meu inesquecível tio e padrinho de crisma.

É com muita honra e emoção que irei evocar a sua personalidade de autêntico Câmara, homem sério e cumpridor do dever, tendo sido para mim, além do tio e padrinho, um grande amigo!

Era o primogênito do casal Manuel Fenelon da Silva Câmara e Maria Olindina de Castro Câmara, vindo ao mundo em nosso Quixeramobim, no dia 6 de agosto de 1890.

Teve infância das mais sofridas pois aos 5 anos de idade perdia o pai, ficando a mãe em difícil situação com quatro filhos menores e grávida ainda de poucos meses.

Aliás, ele mesmo me disse, repetidas vezes, não ter conhecido a infância, pois muito cedo, em 1902, quando contava apenas 12 anos de idade, deixou a convivência do lar para ir trabalhar na firma de ferreiros Viúva Villar & Filho, em Fortaleza, onde permaneceu até 1917.

A empresa era exigente e nos três primeiros meses de atividades nada percebeu de salário, apenas a experiência do serviço. Não poucas vezes era obrigado a permanecer no trabalho até tarde da noite e

quando regressava para a casa onde estava hospedado não mais encontrava jantar, indo dormir com fome.

A seca de 1915 deixou o comércio cearense totalmente paralisado e meu tio resolveu ir trabalhar na construção da Estrada de Ferro de Sobral, prolongamento de Crateús a Teresina, ali permanecendo até meados de 1918. Naquele mesmo ano foi tentar a vida no Maranhão, mas por motivos de saúde viu-se obrigado a regressar ao Ceará.

Outra vez retornou ao Maranhão, que seria a sua segunda pátria, e no dia 21 de janeiro de 1919 foi admitido na firma Cunha Santos & Cia. Ltda., fundada por empresários portugueses.

Progredindo na empresa, graças à sua competência, honestidade, organização exemplar e dedicação total ao trabalho, veio a contrair núpcias no dia 18 de março de 1922 com Rosa Rodrigues da Mota, conhecida por Rosinha, filha do português Antônio Rodrigues da Mota e de Angélica Rosa da Mota.

A felicidade do casal é completada no dia 25 de dezembro de 1922 com a chegada de um filho que na pia batismal recebeu o nome de Carlos César. A alegria foi, porém, efêmera, pois Deus logo chamou a Si a criança, que em 15 de setembro de 1924 passou a fazer parte da Corte Celestial.

Seria Carlos César o primeiro e único filho do casal que, algumas décadas depois, adotou uma garota, de nome Lucimary, mais tarde formada em medicina e seu apoio na velhice.

Em 5 de fevereiro de 1926 Heráclito Câmara teve, enfim, a recompensa de seus esforços e dedicação, sendo admitido como sócio da centenária firma Cunha Santos & Cia. Ltda., fundada em 1845. Isto, porém, não fez mudar em nada a sua personalidade e nem a dedicação ao trabalho. Continuou o mesmo ritmo de atividades, dispensando a mesma atenção aos seus antigos companheiros de luta e interessando-se vivamente pela solução de seus problemas.

O meu saudoso pai, que lutou com sérias dificuldades para criar e educar numerosa prole, constituída de 14 filhos, sempre teve neste irmão o mais forte apoio e colaboração. Não só arcou com as despesas de meu irmão mais velho, quando este ingressou no Colégio Militar, como assumiu também todos os gastos decorrentes de um acidente que meu pai sofreu em 1947 fraturando uma das pernas, sendo necessário transportá-lo para Recife em busca de atendimento médico, onde permaneceu por quase três meses. Ele chegou mesmo a comentar em família que, se os médicos pernambucanos não solucionassem a contento a situação de meu pai, o levaria até mesmo para os Estados Unidos, se preciso fosse.

Jamais deixou de ajudar a mãe viúva e, quando esta faleceu em 1933, passou a enviar uma mesada para as suas tias.

Se a empresa Cunha Santos & Cia. Ltda., reconhecendo os seus méritos, o admitiu como sócio, mais tarde, em 1962, foi o Estado do Maranhão que o proclamou "Comerciante do Ano", entregando-lhe o honroso título durante banquete havido em sua homenagem, no dia 16 de julho daquele ano.

Ouçamos suas próprias palavras, pronunciadas em agradecimento à honraria recebida, ele que não tivera condições em sua mocidade de avançar os estudos além do curso primário, feito com os Padres Capuchinhos em Canindé:

"Bastante surpreso ante a escolha de meu nome para simbolizar o "Comerciante do Ano", aqui estou, antes de tudo, em reconhecimento aos que me distinguiram com tão honrosa indicação.

O homem que trabalha, que faz do trabalho um sacerdócio, constrói com seu próprio esforço grande parcela do progresso da Pátria e do bem-estar de outros homens. E esse deve ser o lema de todos aqueles que desejam ver a terra berço engrandecida.

Ainda menino ingressei na árdua tarefa de buscar com o suor do rosto o pão de cada dia. Em 1902, com 12 anos apenas, comecei a trabalhar na maior casa de ferragens do Ceará, naquela época a firma Viúva Villar & Filho.

Nos primeiros três meses nada ganhei e, só depois dessa experiência, passei a receber um salário mensal de 10\$000. Em novembro de 1917, quando me desliguei da referida firma, já recebia um ordenado de 300\$000. Depois vim para São Luís, trabalhar na firma Cunha Santos & Cia., da qual havia recebido atencioso convite, fazendo jús a 400\$000 mensais. Naquela época não se fazia sentir a carestia gritante que ora nos sufoca, e, tanto assim, que eu tomava café, almoçava e jantava no Hotel Central, pagando 120\$000 por mês, e passando bem.

Mas, o tempo muda e com ele os homens também. Entretanto, só uma coisa permanece inalterável: o caráter de quem iniciou a vida com o firme propósito de ser honesto e trabalhador.

Na minha existência, igual à de qualquer ser normal, pontilhada de alegrias e tristezas, 60 anos constituem a soma do tempo dedicado ao labor diário. Convém ressaltar que nunca me afastei do ramo de ferragens e só na firma Cunha Santos & Cia. Ltda. estou há 45 anos, nesta casa que tem 117 anos de bons serviços prestados à coletividade maranhense e onde sempre encontrei recompensa para minha dedicação. E esta homenagem que me está sendo prestada cabe em parte a Cunha Santos & Cia. Ltda., que constituiu o caminho por onde

-alcançei o lugar que hoje ocupo.

Porque, meus senhores, ainda hoje, com esta idade, trabalho todos os dias, pela manhã e à tarde, e confesso com toda sinceridade, sinto-me com muita disposição para continuar trilhando a mesma rota, por muitos anos, até quando Deus o permitir.

O entusiasmo que me animou quando comecei não desapareceu com o decorrer dos anos. E desejo a todos que me ouvem, comerciantes ou não, que tenham sempre a vontade indômita que possuo e jamais se deixem capitular diante das dificuldades da vida. Que os obstáculos surgidos sirvam de estímulo às novas lutas.

Quero deixar aqui meus agradecimentos aos que viram em mim o símbolo que deve ser de todos os homens de bem!"

Anualmente gozava férias na empresa e juntamente com a esposa realizava passeios, ora vindo ao Ceará rever parentes e amigos, outras vezes indo ao Sul do País onde fazia estações d'água, e, mais de uma vez, esteve no Exterior.

Recordo-me de certa oportunidade, quando de uma das viagens a Quixeramobim foi até o Cartório Câmara, vendo meu saudoso pai absorvido naqueles papéis, não se conteve e exclamou: "Veja, meu irmão, que vida a sua! Encheu-se de filhos, trabalha para morrer e não tem tempo e nem condições para realizar um passeio, como eu faço todos os anos!" Meu pai apenas respondeu: "É isto mesmo, meu irmão. Seja feita a vontade de Deus!"

Em 30 de abril de 1963, Heráclito Câmara, aos 73 anos de idade, desligou-se da firma Cunha Santos & Cia. Ltda., recolhendo-se à vida privada, desejando terminar seus dias na terra que o acolheu de braços abertos.

Mais de uma vez, indo tratar de negócios da firma Eliseu Batista S. A. nas praças de Belém e Manaus, escalava em São Luís para visitar estes tios que tanto estimava.

Nossa amizade era tão firme que, ao nascer minha filha Maria Veleda, fiz questão de convidá-los para padrinhos de batismo dela. Eles já não vinham ao Ceará, por razões de idade e saúde, e só conheceram a afilhada quando a levei a São Luís, em uma de minhas viagens ao Norte.

Na última vez que visitei o estimado padrinho ele já não descia do pavimento superior onde ficava o quarto do casal. Lá o encontrei um tanto deprimido e calado, procurando eu elevar o seu espírito, transmitindo-lhe notícias do nosso Ceará e dos parentes e amigos. Foi quando ele desabafou comigo, dizendo: "Seu pai é que estava certo; vive hoje rodeado pelos filhos que lhe prestam toda assistência, assis-

tindo o seu sucesso em suas atividades, enquanto eu, praticamente sozinho neste casarão, no fundo de uma rede, muitas vezes não tenho com quem conversar ou me distrair.

As lágrimas vieram-me aos olhos ao ouvir este pronunciamento de um tio maravilhoso que já não tivera uma infância feliz e chegava ao ocaso da vida, depois de servir a tantos, longe do Ceará e dos seus parentes.

A morte o colheu no dia 25 de junho de 1975, quando faltavam apenas dois meses para completar 85 anos de idade. Quase três anos depois, em 9 de janeiro de 1978, a viúva, a saudosa tia Rosinha, seguia o mesmo caminho e hoje, juntos, na Pátria Eterna, recebem o justo prêmio de tudo aquilo que fizeram por todos nós!

(Conferência pronunciada na Convenção da Família Câmara realizada no Remanso Hotel da Serra, em Guaramiranga, nos dias 5 a 8 de outubro de 1990).